

JESUS

O FILHO DE DEUS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carson, D. A.

Jesus, o Filho de Deus: o título cristológico muitas vezes negligenciado, às vezes mal compreendido e atualmente questionado / D. A. Carson; tradução de Robinson Malkomes. — São Paulo: Vida Nova, 2015.

128 p.

ISBN 978-85-275-0609-0

Título original: *Jesus the Son of God: a Christological title often overlooked, sometimes misunderstood, an currently disputed*

1. Jesus Cristo — Divindade 2. Filhos de Deus I. Título
II. Malkomes, Robinson

15-02057

CDD 232.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo — Personalidade e missão

JESUS

O FILHO DE DEUS

O TÍTULO CRISTOLÓGICO MUITAS VEZES
NEGLIGENCIADO, ÀS VEZES MAL COMPREENDIDO
E ATUALMENTE QUESTIONADO

TRADUÇÃO
ROBINSON MALKOMES

©2012, de D. A. Carson

Título do original: *Jesus the Son of God: a Christological title often overlooked, sometimes misunderstood, and currently disputed*,
edição publicada pela CROSSWAY (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1ª edição: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Almeida Século 21* (A21), salvo indicação em contrário. Citações bíblicas com a sigla TA se referem a traduções feitas pelo autor.

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Lucília Marques da Silva

REVISÃO DE PROVAS

Fernando Mauro S. Pires

REVISÃO DA TRADUÇÃO E

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Marcia B. Medeiros

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sonia Peticov

CAPA

Souto Crescimento de Marca

Este livro é dedicado com gratidão a
John Piper,
que com seu exemplo sempre nos lembra
de prestar atenção ao texto.

tempo que venho pensando sobre o hiato entre a exegese meticulosa e as formulações doutrinárias. É claro que precisamos de ambas, mas se uma formulação doutrinária não for ditada, em última análise, pela exegese e *visivelmente* controlada por ela ambas se enfraquecerão. O tema do “Filho de Deus” tornou-se um dos vários casos-teste (análises contextuais de termos bíblicos) do meu pensamento. No entanto, desde que o tema foi escolhido, os debates sobre qual seria uma tradução fiel de “Filho de Deus”, sobretudo tendo em vista leitores muçulmanos, têm saído do contexto restrito dos periódicos lidos por tradutores da Bíblia e alcançado o grande público. Denominações inteiras foram apanhadas nessa polêmica que não dá sinais de arrefecimento. O último dos três capítulos deste livro dedica-se ao exame destes dois pontos: como, num contexto cristão, a exegese leva adequadamente ao confessionalismo cristão e como, num contexto transcultural que visa a preparar tradutores da Bíblia para leitores muçulmanos, podemos ser sabiamente flexíveis nos debates atuais. Mas peço encarecidamente que você leia antes os dois primeiros capítulos. Eles fornecem os detalhes textuais necessários sobre os quais a abordagem das controvérsias precisa estar fundamentada.

Este livro não é principalmente uma contribuição para os debates atuais, por mais importantes que sejam. Ele se destina a promover a clareza de pensamento entre os cristãos que desejam saber o que queremos dizer quando nos colocamos ao lado de crentes através dos séculos e confessamos: “Creio em Deus Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor”.

Mais uma vez é um prazer registrar minha dívida de gratidão a Andy Naselli por suas sugestões de valor incalculável.

Soli Deo gloria.

CAPÍTULO UM

“FILHO DE DEUS” COMO TÍTULO CRISTOLÓGICO

“Creio em Deus Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor.” Semana após semana, milhões de cristãos recitam essas palavras do Credo Apostólico. Mas o que significa confessar Jesus como o único Filho de Deus? O que significa dizer que o Deus da Bíblia tem um Filho? Não é possível que o sentido seja exatamente o mesmo de quando digo a alguém: “Sim, eu tenho um filho”. Além disso, em diferentes lugares nas Escrituras aprendemos (como veremos) que Adão é filho de Deus, Israel é filho de Deus, o rei Salomão é filho de Deus, os israelitas são filhos de Deus, os pacificadores serão chamados filhos de Deus, e os anjos são mencionados como filhos de Deus. Que semelhanças ou diferenças existem entre as declarações de filiação acima e a filiação de Jesus? Por que devemos pensar nele como único Filho de Deus?

REFLEXÕES PRELIMINARES

Já faz pelo menos um século que as pregações e publicações cristãs têm dirigido muito mais atenção à divindade e ao

senhorio de Jesus do que à sua filiação. Em tempos mais recentes, quando os cristãos escrevem e falam de Jesus como Filho de Deus, eles costumam se concentrar em um dos três temas seguintes.

Primeiro, muitas obras elaboradas dentro da disciplina da Teologia Sistemática discutem a filiação de Jesus, em especial o título “Filho de Deus”, ao tratar do tema mais amplo da teologia trinitária. O livro de Alister McGrath não inclui “Filho de Deus” no índice remissivo.¹ Ao estudar as “bases bíblicas da Trindade”, o professor McGrath menciona três “personificações” de Deus na Bíblia (embora ele prefira o termo “hipostatizações”): a sabedoria, o Verbo de Deus e o Espírito de Deus.² “Filho” não é mencionado. Mas McGrath dá um bom tratamento a “Filho” nas páginas em que estuda o desenvolvimento histórico da doutrina da Trindade durante o período patrístico. Nesse ponto, os leitores aprendem a visão oriental da Trindade (o Pai gera o Filho e sopra ou “expira” o Espírito Santo) e a visão ocidental (o Pai gera o Filho, e ambos sopram o Espírito Santo).³ McGrath quase não procura amarrar essas discussões ao que os textos *bíblicos* de fato dizem; esse trecho de seu estudo fica preso às controvérsias patrísticas. A recente e bela obra de teologia sistemática de Michael Horton, por ser mais extensa, dedica muito mais espaço à Trindade e se esforça por amarrar suas

¹Alister McGrath, *Christian theology: an introduction* (Oxford: Blackwell, 1994).

²Ibid., p. 248-9.

³Aqui, é claro, McGrath inclui um breve estudo da controvérsia *filioque*: será que o Espírito Santo procede somente “do Pai” (terminologia aceita pelo Credo Niceno) ou “do Pai e do Filho” (ideia transmitida pelo latim *filioque*)? A igreja ocidental insistiu nesse acréscimo.

conclusões teológicas às Escrituras.⁴ Todavia, nem McGrath nem Horton tratam as diferentes maneiras pelas quais o título “Filho de Deus” se aplica a Jesus. Eles se concentram quase exclusivamente nas passagens em que “Filho de Deus” se aplica a Jesus *e parece ter alguma influência sobre o nosso entendimento da Trindade*. Em face das características desses projetos, isso é compreensível e até elogiável. Todavia, os leitores ficam desinformados sobre a variedade de modos pelos quais o título “Filho de Deus” é usado para se referir a Jesus e sobre como a mesma expressão, “filho”, pode ser usada em referência a Adão, aos israelitas, a Salomão, aos pacificadores e aos anjos.⁵ E essa lista não é exaustiva!

Segundo, algumas obras são especializadas e concentram-se não nas categorias da Teologia Sistemática, mas em linhas levemente diversas. Sam Janse conta como o salmo 2 — principalmente a fórmula “Tu és meu filho” — foi recebido no judaísmo antigo e no Novo Testamento.⁶ A história que Janse reconstitui é minimalista; ele certamente não a dirige para o trinitarismo. Seguindo por um caminho um pouco diferente, Michael Peppard analisa os processos de adoção nos contextos social e político do mundo romano, lendo dentro desse cenário o Novo Testamento e as

⁴Michael Horton, *The Christian faith: a systematic theology for pilgrims on the way* (Grand Rapids: Zondervan, 2011).

⁵Podemos acrescentar aqui as poucas páginas dedicadas a “Filho de Deus” no livro muito bem embasado de K. Scott Oliphint, *God with us: divine condescension and the attributes of God* (Wheaton: Crossway, 2012).

⁶Sam Janse, “*You are my Son*”: *the reception history of Psalm 2 in early Judaism and the early church*, Contributions to Biblical Exegesis and Theology (Leuven: Peeters, 2009).

evidências patrísticas em desenvolvimento.⁷ Os leitores não estarão totalmente equivocados se concluírem que a tese de Peppard é um novo reducionismo, mais um exemplo de exegese que recorre a supostos paralelos (nesse caso, paralelos greco-romanos), outro caso de “paralelomania”, para usar o simpático termo criado por Samuel Sandmel.⁸

Terceiro, nos últimos anos surgiram duas controvérsias veementes que mereceram espaço nas publicações que tratam da terminologia do “Filho” ou do “Filho de Deus” aplicada a Jesus. O primeiro desses embates diz respeito ao grau de subordinação do Filho em relação ao Pai, com influências correlativas sobre as discussões em torno do igualitarismo e do complementarismo. Nos capítulos deste livro, não dedicarei muito espaço a esses debates, mas farei apenas algumas observações ao longo do caminho. A segunda polêmica discute como se deve traduzir a expressão “Filho de Deus”, sobretudo nas traduções da Bíblia dirigidas ao mundo muçulmano. Reservarei parte do capítulo três para tratar desse assunto — mas só estarei pronto para isso depois de lançar os alicerces nos dois primeiros capítulos.

Esses, então, têm sido os três principais pontos de interesse nos últimos anos, sempre que se examina a expressão “Filho de Deus”. De vez em quando, surgem exceções interessantes. Pensamos, por exemplo, no excelente trabalho de Robert A. Peterson, *Salvation accomplished by the Son: the work of Christ* [A salvação consumada pelo Filho: a obra de

⁷Michael Peppard, *The Son of God in the Roman world: divine sonship in its social and political context* (Oxford: Oxford University Press, 2011).

⁸Samuel Sandmel, “Paralelomania”, *Journal of Biblical Literature* 81 (1962): 2-13.